

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

A formação dos times de futebol proletário e as intervenções das elite: a construção da história do futebol cearense e os conflitos sociais em torno da bola. (1919 – 1938)

Rodrigo M. S. Pinto*

Resumo: O contexto que se segue reflete a inserção das classes subalternas na prática do futebol na cidade de Fortaleza. Explica a busca desse grupo social na participação do campeonato de futebol que era dominado pelas elites locais.

Palavras – chaves: Futebol, Lazer Operário.

Abstract: The following context is about the insertion of the subordinated classes in the practice of football in Fortaleza. It explains this social group search of participation in the football championship that it was dominated by the local elite.

Keywords: Football, Laborer Leisure

O campo de futebol era a representatividade de uma simbologia anteposta pelas elites. Nesse espaço predeterminado por um grupo, a heterogeneidade não quis ser percebida entre um determinado grupo de praticantes da pelota, os *sportsmen*. É como se eles tivessem fechado os olhos para as diversificadas formas da praxe do futebol e de seus praticantes. É claro que não credito nisso de forma vil e rígida, aparentando que os *sportsmen* eram sujeitos que predeterminavam sempre suas ações sociais e tinham controle total de sua cultura. Eles não podiam perceber tudo isso como nós o fazemos. Esse era o grande entrave da percepção que os *sportsmen* tinham da sociedade em que viviam. A memória que eles deixaram escrita é a percepção deles do seu mundo. A divisão social existe no discurso é muito forte, tanto que eles não permitiam as classes subalternas participarem da construção dessa história. Porém, ao mesmo tempo, a segregação social não é tão rija, pois eles não impediam a participação de sujeitos de outras classes e de homens negros na formação do futebol. Como podemos observar na foto do Fortaleza Sporting Club de 1924:

* Aluno da Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Mestrado em História Social, linha de pesquisa: Trabalho e Migração. Bolsista da FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio Científico e Tecnológico). Orientando de Luigi Biondi. Email de contato: rodrigo.futebol@oi.com.br



Figura 1: Time do Fortaleza Sporting Club, bi-campeão de 1924. Fonte: extraído de AZEVEDO, Nirez de, “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 36

O quarto jogador da direita para a esquerda é negro; apesar da baixa qualidade da foto, é possível distingui-lo. Sobre a escalação acima, não afirmo que esteja em ordem, de acordo com a fotografia, da esquerda para a direita, pois, em alguns momentos do livro de Nirez de Azevedo, as escalações postas acima das fotos não conferem em quantidade de jogadores, nem em ordem. No livro “*Fortaleza: história, tradição e glória*” de Airton de Farias e Vagner de Farias, o nome do mesmo jogador em questão aparece como Roque (*insider* direito – posição tática que ocupava no time do Fortaleza). Airton e Vagner afirmam que a foto foi extraída da mesma fonte, do arquivo de Nirez, pai de Nirez de Azevedo (FARIAS & FARIAS, 2005: 36). O mais importante é que o jogador participava do elenco do Fortaleza, um dos times mais tradicionais e elitistas da época, junto com o Maguary. Ambos mantêm a pose de ostentação de um futebol elitista e “livre” das classes subalternas.

Por mais que a década de 1930 ressalte uma preocupação com a profissionalização do futebol, as fotos da época mostram ainda poses clássicas de despojo e elitismo. É o caso do Ceará de 1932:



Figura 2: Time do Ceará Sporting Club, bi-campeão de 1932. Fonte: extraído de AZEVEDO, Nirez de, “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 38

Podemos perceber, na foto acima, alguns jogadores dispostos de forma sóbria, contudo não aguerrida como os times profissionais da década 1930 em diante. Outros têm um tom mais ameno, sorridente, diferente do tom de batalha hoje visto nas fotos clássicas dos times ao adentrarem o campo. Dentre os jogadores, é possível identificar alguns negros.

Tal como o time do Fortaleza, a partir da década de 1920, foi possível observar a inserção de jogadores de outras classes na composição dos clubes tradicionais. O sentido do jogo não era mais o mesmo; vencer era o intuito final do esporte bretão. As mudanças que acarretaram a profissionalização definitiva do futebol na cidade de Fortaleza começaram a ser fundamentadas durante os anos 20. Airton de Farias descreve que o Ceará, ansioso pelos títulos de 1922, resolveu trazer “*vários jogadores paraenses de fama*” (FARIAS, 2005: 36). Uma forma de perversão da perspectiva amadora que o *foot-ball* ainda mantinha. O discurso caminhava em sentido oposto à prática do futebol; enquanto delineava-se a idéia de um esporte amador com interesses no bem-estar social, seus praticantes jogavam como famintos disputando um prato de comida, como mesmo observou Leonardo Pereira sobre a visão do “eterno” goleiro da seleção brasileira:

A grande popularização do jogo acirrava a disputa entre os diferentes clubes, obrigando-os a abrir lugar para os jogadores que não tinham mais o mesmo perfil econômico, social e até racial dos primeiros anos do jogo da bola no Brasil. Ao invés de associados dos clubes, os campos são tomados de indivíduos de classes pobres que tinham no futebol um meio de sobrevivência e prestígio. (PEREIRA, 1997: 34)

Esse desejo de dividir temporalmente e criar uma separação entre o futebol jogado naquele momento e a perspectiva de um esporte sem a participação dos pobres nos espaços de sociabilidade das elites é refletido no discurso dos memorialistas do futebol.

As relações sócio-políticas construídas com a fundamentação da república de Vargas afetaram a estrutura social em torno do futebol. Dessas inúmeras transformações, uma

das mais significativas, como se viu, foi a aproximação das elites aos trabalhadores e vice-versa. Isso permitiu a solidificação de times de origem humilde e/ou proletária no cenário futebolístico local. Até então os jornais anunciavam com maior vigor as partidas organizadas pela ADC em detrimento do esporte praticado no subúrbio. O que se via até aquele momento era uma aproximação comedida das elites para com as camadas pauperizadas, aproximação que na maior parte do tempo se resumia a um altruísmo. Contudo, a década de 1930 fomentou a prática esportiva ligada ao trabalhador cearense. A prova estava nos torneios que surgiram relacionando o esporte ao mundo do trabalho. Vale salientar que o jornal “O Povo” de 12 de maio de 1930 avisa aos seus leitores de um torneio na Praça do Pelotas (praça em frente à Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, próxima às caixas d’água), em que estava sendo disputada a “*taça operariado cearense*” como mostra o jornal O Povo, Ano III, 12.05.1930. p. 2, em comemoração ao Dia do Trabalhador. Outro fato descrito pelo mesmo jornal, relativo ao esporte ligado às ligas sindicais, está publicado no mesmo jornal, O Povo, Ano III, 18.07.1930. p. 8:

Festival em Pról do Syndacato dos Trabalhadores graphicos
No próximo dia 27, as 19 ½ horas, effectuar se-á litero-dansante na sede do “Sem Rival Sport Clube”, à Rua Barão do Rio Branco, 93, em beneficio do Sindicato dos Trabalhadores Graphicos, constando do programma uma conferencia do apreciado intellectual Eurico Pinto. Ingressos na ‘A Razão’, com F. Campos Pilcomar, e na “Gazeta”, com Vicente Feijão.

O futebol se associou cada vez mais ao mundo do trabalho. Os trabalhadores passavam a ver que esporte, música, dança, piqueniques domingueiros eram possibilidades de lazer diante da opressão do sistema de produção ou do rígido controle patronal. Nos primeiros momentos das comemorações do Dia do Trabalhador, era comum os socialistas usarem a música como espaço de sociabilização e lazer, capaz de aglutinar os trabalhadores e seus familiares. Como percebeu Michel Ralle no caso de Bilbao:

Desde os primeiros 1º de maio, os socialistas locais introduzem a música na manifestação, contratando uma banda musical. A organização de uma fanfarras continuará, imitada mais tarde nas redondezas, notadamente nas comunas mineiras. Grupos musicais e representações teatrais tornam-se bastante habituais nas diversas localidades da zona a partir do início do século [XX]. (RALLE, 2004: 85)

Este fator nos aproxima bastante de desvendar os grupos políticos dos trabalhadores jogadores de futebol na cidade de Fortaleza. Para ficar mais claro, tentarei explicar um dos meus caminhos de pesquisa. Busquei remanências dos primeiros jogadores de futebol operários, acreditando que o primeiro grupo organizado de trabalhadores a instituir seu time de futebol teria sido o Ferroviário. Essa era a hipótese. Então, lendo o livro de

memórias de Edgar de Alencar, encontrei o caso do Olímpico F. Club time promovido pelo Engenheiro da RVC (Rede de Viação Cearense) e presidente da beneficência dos ferroviários. A partir deste indício, encaminhei-me para a Beneficência dos Ferroviários. Nas atas Atas de Reunião da Beneficência dos Trabalhadores da Estrada de Ferro de Baturité (Ata da Assembléia Geral da Sociedade Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité. 1.01.1919.) pesquisadas, não descobri nenhuma evidência do Olímpico, contudo encontrei algo corrente que encaixava bem no lazer dos trabalhadores de Bilbao, vejam:

Ao primeiro dia do mês de janeiro de mil novecentos e dezenove, no salão da primeira classe da estação da E. F. Baturité com a presença de extraordinário número de sócios, (...) Couto Fernandes, presidente honorário e efetivo da sociedade, abre a sessão.

Os trabalhadores utilizavam os poucos dias de folga, como o primeiro dia do ano, para se reunir. A outra sessão atada daquele ano marca o encontro no dia 14 de dezembro. São poucas as atas de reunião, confirmando a idéia de um reduzido número de encontros oficiais dos trabalhadores para pensar, refletir, debater a respeito deles próprios. Todavia, esse encontro deliberava a respeito de saúde, escolaridade, empréstimos, custos de enterro dos funcionários falecidos e lazer dos funcionários e familiares, como mostra o balancete de 14 de dezembro de 1919:

Saldo que passou de 31 de Dezembro de 1918: 8: 387\$696; Contribuição dos funcionários: 12:336\$900; Juros sobre empréstimos 2:000\$400; Pecúlios: 5:086\$300; donativos: 192\$400; Caixa da Música: 20\$000; Saldo Geral da Receita em 30 de Novembro de 1919: 28:025\$690. Despesas: - Escolas diurna e noturna: - 1:793\$000; Banda de Música: 3:423\$275; honorário dos médicos: 6:600\$000; pecúlios de 15 sócios falecidos: - 4:522\$500.

Com um sistema bem organizado, os trabalhadores arrecadavam dinheiro para manutenção dos serviços de auxílio a eles mesmos. O grande fio-condutor da visão de Ralle sobre os socialistas e a organização social dos trabalhadores da estrada de Ferro está, *a priori*, exatamente na questão musical. Havia uma banda sustentada pela beneficência e que era também usada como ponto de obtenção de lucro para a sociedade mutualista. E mais tarde, em 1936, a eleição de Valdemar Cabral Caracas como vereador da cidade de Fortaleza pelo Partido Socialista e seu discurso a respeito do fato - “*Mas não fui eleito por causa do futebol. Fui eleito porque era um líder para os funcionários da RVC*”. Esse fato é bem explorado por Rafael Luis no caderno Revista Fortaleza: Política Futebol Clube, editada pelo jornal O Povo de 27.05.2006. E, fazem-nos acreditar na existência de representações socialistas dentro da Companhia Ferroviária. A participação de Caracas na política cearense era vista por outros que chegaram a cargos políticos pelo mesmo viés, com um direcionamento forte para o

esporte. Salieta essa visão o jornalista ao entrevistar o dirigente que chegou a prefeito, na mesma matéria:

Um contemporâneo de Caracas nas décadas de 30 e 40 chegou ao cargo máximo da política fortalezense. Locutor esportivo no início de carreira, o jornalista Paulo Cabral de Araújo virou prefeito, entre 1951 e 1955, além de deputado estadual. ‘Mas não considero que tive uma vida política ligada ao futebol tanto quanto o Caracas’, afirma.

A provável liderança de Caracas favoreceu a interação entre operários-jogadores e diretores-dirigentes. Em um mundo ainda muito dicotomizado em relação às estruturas de trabalho e ao *status* social, o diálogo de Valdemar Caracas foi benéfico para o estreitamento do *foot-ball* com o pé-bola. Não foi o único que estreitou esses laços no âmbito do esporte bretão, o caso acima do jornalista esportivo Paulo Cabral de Araújo é exemplar. Porém, Valdemar Caracas é o caso mais expoente: ele foi o ator social da época estudada e que ainda está vivo. Ele viveu no meio dos *sportsmen*, das aventuras lúdicas da Rua 24 de Maio, descritas por Raimundo Girão, como também foi o treinador do time do Ferroviário campeão em 1945. Ele esteve nos dois extremos da concepção do futebol. Por isso, posso dizer que ele é um personagem recorrente nos meus diálogos com as fontes escritas.

Se até os anos 1920 o profissionalismo era encarado como um debate longínquo no esporte local, muito mais um discurso admoestativo dos *sportsmen* locais e nacionais, os anos 1930 serão diferenciados. Os jornais passarão a mostrar rotineiramente o debate que aflige o futebol no sudeste do país. A Confederação Brasileira de Desportes (atual CBF – Confederação Brasileira de Futebol) vivia tempos de crises com o antigo discurso e a prática do futebol semi-profissional e profissional de alguns clubes, como mostra o jornal O Povo, Ano V, 9.02.1933. p. 1:

O Profissionalismo no Foot-ball

O Sr. Arnaldo Guinie poz à disposição da Liga Carioca de Profissionais de Foot-ball a importância de 400 contos de réis, mas aquela liga achou necessária somente a importância de 200 contos. Comunicam de São Paulo que a “Apex” aprovou uma resolução permitindo que os clubs a ela filiados adotem o profissionalismo.

É uma ocorrência interessante se lembrarmos que as notas a respeito do profissionalismo começam a enveredar nas páginas do jornal no mesmo ano de fundação do Ferroviário. O ano de 1933 é também um ponto-chave na consolidação dos interesses sócio-políticos de Getúlio Vargas. “À exceção do salário-mínimo que será regulamentado durante o Estado Novo entre 1931 e 1934, foi promulgada uma série de decretos e leis de proteção ao trabalhador” (PANDOLFI, 2003: 19). Esse fato estreitou os laços do governo com as camadas sociais não abastadas. Conseqüentemente, os jogadores “profissionais” que jogavam

por um “prato de comida” representavam a parcela da população que começava a ver com bons olhos as interferências do governo provisório na vida da sociedade.

Esse estado, em parte repressor, em parte social, construía uma nova ordem dentro da vida das pessoas. A disciplina era uma das ideologias vigentes na política varguista; não era à toa que em 1931, “à exceção de Pernambuco e Paraíba, todos os chefes de estado das regiões Norte e Nordeste eram militares” (IDEM: 18).

O próprio discurso de Valdemar Caracas ao salientar sua interferência nos jogos da Estação do Urubu, no intuito de organizar a prática desportiva dos funcionários, demonstra esse caráter de disciplinarização militar imposta por Vargas. Disse-me Valdemar que era amante da disciplina, numa entrevista em sua casa no dia 01.04.2005. Através dessa crença, Valdemar chegou para organizar à sua maneira o time do Ferroviário.

A violência e a deturpação da ordem eram duas práticas mal vistas durante a praxe desportiva na República Velha, que se perpetuaram no pós-1930, mesmo mal vistas e muito coibidas pela polícia e imprensa. Nem sempre polícia e imprensa agiam da mesma forma; a primeira usando até do mesmo artifício que era mal visto - assim externa o jornal O Povo, Ano III, 18.010.1930:

DISTURBIOS NUM CAMPO DE FUTEBOL

Esteve hoje nesta redacção o Sr. Lauro Serra, da directoria do ‘Carioca F. C.’, o qual veio narrar-nos as deploráveis occorrencias verificadas domingo ultimo, no campo do ‘Vingador’, no Alto da Balança, por ocasião de um jogo entre os quadros referidos. Disse nos o nosso informante que, a convite do ‘Vingador’, o ‘team’ do ‘Carioca’ foi realizar uma partida com o mesmo em sua praça de *sports*. O jogo iniciou se sem novidades, reinando a principio relativa cordialidade entre os disputantes. Mais tarde, como evidenciasse a supremacia dos visitantes, os locaes passaram a desenvolver jogo pesado, chegando a agredir os jogadores do ‘Carioca’. Resultou dahi serio conflicto, usando os contendores facas, pedradas, ponta-pés, cacetes... o diabo, em mim. O sub-delegado local, que estava presente, procurou apasiguar os ânimos, mas nada conseguiu, somente se encerrando o incidente com a retirada do quadro visitante. Não é a primeira vez que acontecem factos dessa natureza nos campos de futebol dos subúrbios. Mas a policia até agora não conseguiu dar um paradeiro a taes incidentes, coisa que, aliás, não é de admirar, porque, quando Ella aparece, é para peorar consideravelmente a situação... (sic)

Primeiramente, é possível ver a diferenciação entre o esporte concebido no subúrbio e o inicialmente praticado no Passeio Público no último parágrafo da reportagem. O jornalista refere-se à violência como algo que já ocorria comumente e que a polícia não dava conta de melhorar. O *foot-ball* dos *sportsmen* não era bem visto pelas elites, sendo praticado pelas classes subalternas. No período estudado, essa é a melhor reportagem retirada do periódico “O Povo”, falando a respeito do esporte relacionado ao subúrbio. Sobre essa

violência é possível imaginar as mais graves ocorrências possíveis: é noticiado que a briga foi repleta de facadas e pedradas. Toda a violência era resultado da gana pela vitória, ponto condenável na visão dos *sportsmen*.

Num segundo ponto na construção da nota, os conflitos em torno da bola não ficam no campo simbólico da classe. Por mais que eles existam nesse sentido vertical, as divergências horizontais são cabíveis, já que a prática perpassa os planos sociais de acordo com o uso e a espacialidade do jogo. Nesse momento, entre o “Vingador” e o “Carioca” não cabia perceber a exploração da classe ou a necessidade de melhores condições de vida. Estava em jogo à vontade de ganhar contra o rival e/ou amigo de vizinhança. Aqui cabe exatamente a visão sobre o “baralho de Gramsci”. Diz o intelectual italiano que a sociedade italiana do início do século XX era mais suscetível ao jogo de baralho: “os italianos (...) preferem o espaço fechado de um botequim; ao movimento, a imobilidade” (GRAMSCI, 2004: 219) e a percepção de como a violência é representação de virilidade e manutenção da honra, como mesmo disse Fernando Teixeira, o mundo do trabalho constrói uma ritualização que tem como finalidade demonstrar vigor e força, um aspecto da cultura da classe que perpassa pelo sugerido por Gramsci. Fernando Teixeira da Silva fala que:

A disputa pela fama de valente, portanto, exigia platéia, torcida, testemunhas que deveriam funcionar como um ‘tribunal da reputação’, ao qual cabia reconhecer quem gozava de respeito, reverência e distinção. A aquisição da honra, que não implica necessariamente noções de virtude e justiça, dependia da visibilidade das ações, da avaliação pública dos ‘feitos’ de um homem. (SILVA, 2004: 211)

Entretanto, essa horizontalização dos conflitos fica restrita ao âmbito dos conflitos internos dos representantes das classes subalternas, pois, segundo a nota sobre “distúrbio num campo de futebol”, podemos observar que, ao contrário de outras matérias sobre conflitos em torno da bola, existe um tratamento diferenciado do jornal. Antes era visto como uma reclamação de moradores contra arruaceiros e crianças nas ruas principais da cidade, como mesmo exclama a Gazeta de notícias, Ano I, nº 01, 11.08.1927:

Durante o dia de domingo, e geralmente às tardes, reúnem-se inumeros meninos desocupados e iniciam o seu inacabável foot-ball. (...) A match acompanha commumente os palavrórios dos mal educados jogadores. O barulho, as palavras indecentes e o fevor tanto dos praticantes como dos espectadores são concebidos como inconvenientes: assobios, gritos e palavras obscenas (das maiores) somos obrigados a ouvir.

Agora é entoado como algo pejorativo, um problema do subúrbio. Por mais que o escritor do jornal fale que o “Sr. Lauro Serra, da diretoria do ‘Carioca F. C.’” tenha chegado à redação no intuito de expor um problema ocorrido, relatando a história para os demais

cidadinos, a notícia termina como uma dissertação a respeito da violência do futebol suburbano.

O ocorrido reflete o conflito entre a perspectiva do esporte praticado entre os filhos da elite em relação à perspectiva dos moradores do subúrbio e/ou trabalhadores.

O futebol proletário estava deflagrado nos arredores da cidade de Fortaleza, diante da perspectiva de um Estado politicamente engajado em aproximar-se dos trabalhadores. As práticas culturais passaram a diminuir as discrepâncias em torno dos seus usos, essas práticas eram diacrônicas devido a seu caráter social. Tentava-se buscar similitudes para os seus usuários; a profissionalização do esporte é um dos caminhos encontrados por Vargas para conseguir essa integração, como mesmo observou Heloisa Turini Bruhns:

A legislação social e trabalhista do governo Vargas iria, de 1930 a 1936, regulamentar não só o futebol, como um número razoável de profissões. Os atletas foram reconhecidos formalmente como empregados, sob a jurisdição do novo Ministério do Trabalho. (BRUHNS, 2000: 65)

É um dos fatores que favorece a esse movimento de formação da identidade nacional, como de uma nova dinâmica entre o significado do esporte para os trabalhadores e das elites. A partir desse período descrito por Bruhns, a expansão da profissionalização, do centro econômico do país até seus mais distantes estados, é questão de tempo, uma reação que começa a ocorrer nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e irá atingir Fortaleza. No final de 1938, depois de uma série de jogos amistosos dos times locais contra clubes vindos de outros centros, por exemplo, o Palestra Itália (atual Palmeiras – SP) e o Bahia, os times fortalezenses foram acometidos de derrotas estrondosas. Para memorialistas como Alberto Damasceno e Nirez de Azevedo, esses episódios foram a “gota d’água” para a mudança que já se anunciava. O único time que começou o ano de 1939 com atletas amadores foi o Fortaleza Esporte Clube.

Os clubes advindos da elite pareavam-se na disputa do *ground* no mesmo patamar dos demais times, fossem eles do subúrbio ou de organizações fabris. Os campeonatos de 1938 e 1939 assimilavam definitivamente os clubes das classes subalternas e, junto com a profissionalização dos times amadores dos *sportsmen*, o futebol perdia sua discrepância classista na sua composição. Todavia, seriam os torcedores que perpetuariam essas diferenças entre a elite e os trabalhadores nas primeiras horas do futebol profissional.

Referência Bibliográfica

AZEVEDO, Nirez de, “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002.

BRUHNS, Heloisa Turini. “Futebol, Carnaval e Capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro”. Campinas – SP: Editora Papirus, 2000.

FARIAS, Airton de. “Ceará: uma história de paixão e glória”. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005. p. 36

FARIAS, Airton de & FARIAS, Vagner de. “Fortaleza: história, tradição e glória”. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

GRAMSCI, Antônio. “Escritos Políticos. Volume 1 (1910 – 1920)”. Edição Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

PANDOLFI, Dulce Chaves. “Os anos 1930: As incertezas do Regime.” In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). O Brasil Republicano. V.2: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “*Foot-ballmania*: história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)”. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000. p. 203.

_____. “Pelos Campos da Nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do Futebol Brasileiro”. In: Revista Estudos Históricos nº 19. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 34

RALLE, Michel. “A Festa Militante: o espaço festivo dos operários diante da identidade social (Espanha, 1850 – 1920)”. In: BATALHA, Cláudio e SILVA, Fernando Teixeira da & FORTES, Alexandre (org). Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004.

SILVA, Fernando Teixeira da. “Valentia e cultura do trabalho na estiva de Santos” In: BATALHA, Cláudio & SILVA, Fernando Teixeira da & FORTES, Alexandre (org), Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004.